

CAMINHOS INCLUSIVOS

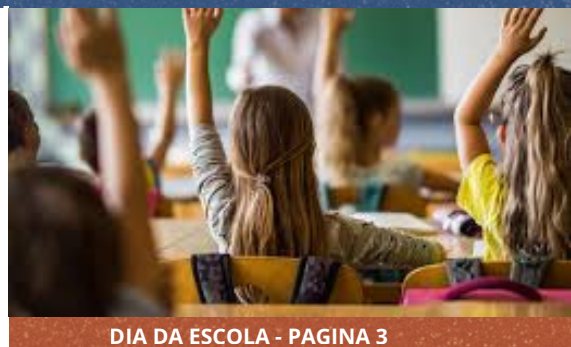
Belo Horizonte | Março de 2025 | Ano 2 | Edição nº 10



DOWN NAS ESCOLAS - PAGINA 1



INCLUSÃO NO TRABALHO - PAGINA 2



DIA DA ESCOLA - PAGINA 3

A INCLUSÃO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA

Exige uma abordagem que inclua a formação de professores para práticas pedagógicas inclusivas, a adaptação de materiais e atividades para atender às necessidades individuais, a criação de um ambiente acolhedor que estimule a participação e o respeito entre todos os alunos, e a colaboração constante entre escola, família e profissionais de saúde para garantir o desenvolvimento integral do estudante



Crianças com Síndrome de Down apresentam diferentes níveis de habilidades cognitivas, motoras e de comunicação, o que exige do ambiente escolar adaptação e flexibilidade. A inclusão não significa apenas a presença física na sala de aula, mas a garantia de participação efetiva em atividades pedagógicas, sociais e culturais, considerando suas potencialidades e necessidades.

Além disso, a inclusão exige sensibilização de toda a comunidade escolar. Professores, colegas e familiares precisam estar preparados para criar um ambiente acolhedor, estimular a cooperação, promover interações positivas e combater preconceitos ou atitudes discriminatórias. O envolvimento da família é essencial, garantindo continuidade das práticas pedagógicas em casa e fortalecendo a autoestima e a confiança da criança.

A inclusão de alunos com Síndrome de Down na escola traz benefícios não apenas para essas crianças, mas para toda a comunidade escolar. Ela promove valores de empatia, respeito, diversidade e solidariedade, contribui para o aprendizado social dos demais alunos e fortalece a construção de uma sociedade mais inclusiva.

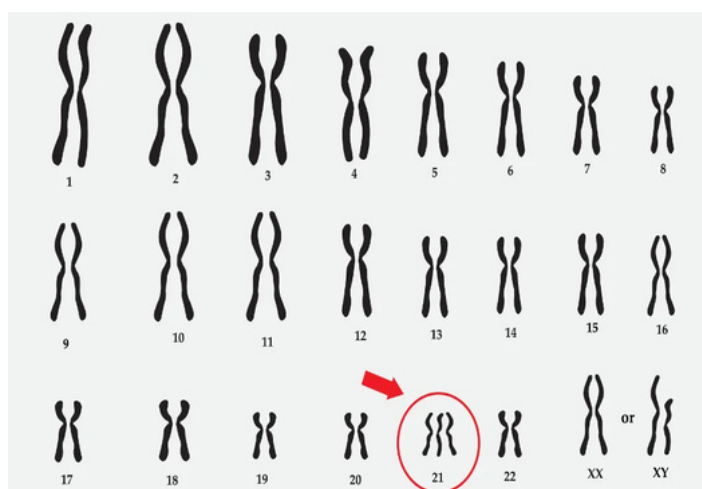
TRÊS TIPOS PRINCIPAIS DE SÍNDROME DE DOWN:

Trissomia 21, responsável por cerca de 95% dos casos, que ocorre quando há uma cópia completa adicional do cromossomo 21 em todas as células da pessoa. Esse tipo geralmente não é herdado, surgindo devido a um erro na divisão celular durante a formação do óvulo ou do espermatozoide

Translocação, que representa aproximadamente 3 a 4% dos casos. Nesse caso, uma parte do cromossomo 21 se liga a outro cromossomo, geralmente o cromossomo 14. Diferentemente da trissomia, algumas pessoas podem ser portadoras equilibradas dessa translocação, sem apresentar sintomas, mas com possibilidade de transmitir a alteração genética para os filhos.

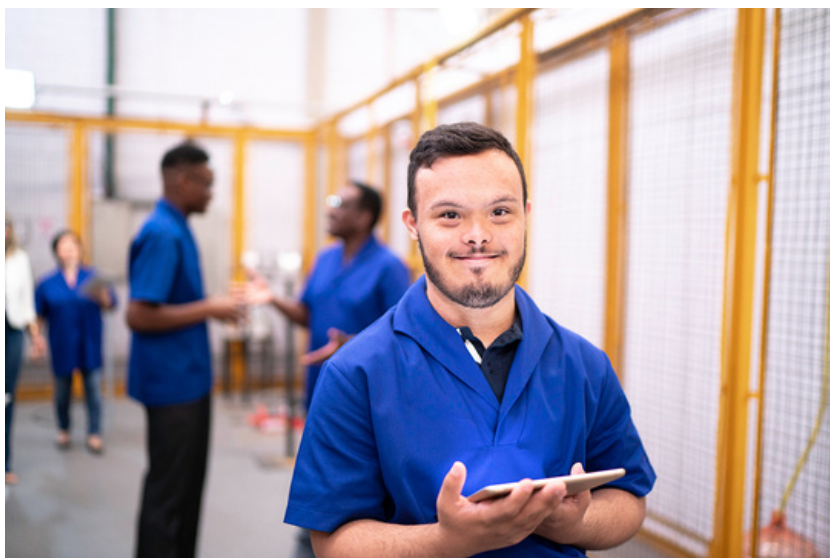
Mosaicismo, o mais raro, encontrado em cerca de 1 a 2% dos casos. Nesse tipo, a pessoa apresenta uma mistura de células normais e células com trissomia 21, o que pode resultar em características físicas e cognitivas mais leves, dependendo da proporção de células afetadas.

21 DE MARÇO – DIA INTERNACIONAL DA SÍNDROME DE DOWN



Para celebrar a condição genética da Trissomia do 21, ou seja, a presença de um terceiro cromossomo 21 nas células do indivíduo em vez do par habitual. A data tem o propósito de promover a conscientização sobre a síndrome, combater o estigma e defender os direitos de inclusão e bem-estar de pessoas com Síndrome de Down na sociedade.

Inclusão de pessoas com Síndrome de Down no mercado de trabalho



Pessoas com a síndrome podem e devem ser estimuladas ao aprendizado como qualquer outro profissional. O artigo 27 da convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência estabelece que todos têm direito a oportunidades iguais de trabalho.

O Brasil conta com uma legislação trabalhista específica que favorece a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015) veda a restrição ao trabalho da pessoa com deficiência e qualquer discriminação em razão de sua condição.

A entrada no mercado de trabalho de pessoas com síndrome de Down é essencial para a inclusão plena na sociedade. Além disso, os indivíduos com síndrome e que não estão empregados tendem a ter mais depressão e baixa estima. Por outro lado, o ambiente profissional ajuda as pessoas a ganhar responsabilidades e desenvolver relacionamentos com grupos diversos. Isso favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas, mecânicas e de adaptação a diferentes situações, inclusive na vida pessoal.

Juliana Rezende Gaudêncio, coordenadora de Educação do Senac, afirma que “empregar pessoas com síndrome de Down amplia a autonomia pessoal, as relações sociais, a capacidade produtiva e criativa, e, ainda a identidade e a satisfação do indivíduo consigo mesmo”.

Fatos e mitos....

Mito: Apenas pais mais velhos têm criança com Down

Fato: Mulheres que têm filho após os 35 têm de fato mais chance de ter um bebê afetado. Contudo, pesquisa do Centro de Controle de Doenças e Prevenção dos EUA (CDC) mostra que 80% dos bebês com Down nasceram de mulheres com menos de 35, porque há, naturalmente, mais nascimentos entre as mais jovens.

Mito: Pessoas com Down morrem jovens

Fato: A expectativa de vida depende do acesso ao sistema de saúde, assim como a população em geral. A título de exemplo, uma pessoa com Down vive em média 60 anos nos Estados Unidos. Mas se ela for afrodescendente, essa média cai para 35. De acordo com o estudo “The four ages of Down Syndrome”, nas duas últimas gerações a expectativa de vida subiu de 12 para 60 anos.

Mito: Todas as pessoas com Down têm sobrepeso

Fato: Nem todas. No entanto, estudos sugerem que a tireóide e o baixo metabolismo contribuem para a obesidade em pessoas com a síndrome. É preciso fazer o ganho calórico ser menor ou igual ao gasto.

Mito: Todas as pessoas com Down terão mal de Alzheimer

Fato: Numerosos estudos apontam que os cérebros de todas as pessoas com Down têm as placas do amyloid e os emaranhados de neurofibrillary relacionados ao mal de Alzheimer. Contudo, nem todos vão desenvolver os sintomas. Um estudo de 1989 atestou que de 20% a 50% das pessoas com a síndrome desenvolveriam a doença antes dos 50 anos de idade.



No dia 15 de março, comemora-se o Dia da Escola no Brasil. A data faz referência à primeira escola criada em solo brasileiro, fundada em Salvador (BA), no ano de 1549. Surge com o objetivo de conscientizar sobre a importância desse espaço, que atua na potencialização do aprendizado cognitivo e intelectual e ocupa o lugar das construções humanas e sociais ao longo de toda trajetória escolar.

EDITORIAL

QUEM SOMOS

Nivânia Reis - Desenvolvimento de conteúdo.

Carlos Pietrobon - Desenvolvimento tecnológico da solução.

Sandra Freitas de Souza - Estudos focados na Educação Inclusiva

Juliane Niquini - Desenvolvimento de conteúdo e suporte e supervisão ao usuário.

Luciane Dias Campos - Responsável pela Supervisão nas Escolas.

Cida Calixto - Responsável por Educação Especial e Tradutora

Intérprete de Libras (TILS) e Braille.

Wellington Borges - Responsável

pelo comercial, gestão e desenvolvimento de projetos.

Valdirene Sousa Responsável pela parte administrativa e financeira.

